

outros 70 colegas, em 2021. Para ela, trabalhar durante a pandemia foi um grande desafio e também uma vivência oportuna. “A experiência enriqueceu muito nosso estágio, porque talvez sairíamos dele sem o conhecimento de um momento tão difícil. Vimos pessoas que já trabalhavam há anos em hospitais e nunca passaram por um período assim. De repente, estavam lá, a esmo”, relata.

Admiradora assumida da FCE, Amanda destaca o empenho da faculdade para garantir os EPIs aos estagiários. “A FCE não mediu esforços. Eles nos entregaram luvas, máscaras e capote cirúrgico. Em momento algum ficamos sem equipamentos de proteção”, conta, lembrando que ela e outros colegas sofreram com a suspensão do estágio obrigatório. Isso aconteceu, segundo ela, porque as faculdades da área de saúde, junto ao Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO) da UnB, arrecadaram e forneceram os equipamentos para estudantes.

A um semestre de se formar, Amanda viu a pandemia paralisar sua formação acadêmica. Para o curso de fisioterapia, os estágios obrigatórios retornaram apenas no semestre seguinte. Ela afirma que o prejuízo só não foi maior porque já estava na fase final da graduação. “A minha sorte foi que eu já havia passado por matérias específicas e tive aulas práticas. Não sei como foi o aprendizado para as pessoas que precisaram ter aulas práticas de forma remota na pandemia. Se pra gente, que teve vivência de laboratório, já foi difícil quando entramos no mercado de trabalho, imagine pra eles”, calcula.

Formação antecipada

Amanda se formou em dezembro de 2021. Em maio de 2022, estava empregada. Ela afirma que se sente preparada para o mercado de trabalho, mas ainda busca o desenvolvimento como profissional. “Sempre existe uma lacuna que podemos preencher.

Matheus Gomes



Em momento algum ficamos sem equipamentos de proteção

Amanda Vaz, fisioterapeuta formada pelo câmpus Ceilândia da UnB

Um dos meus objetivos é preencher esses espaços que a pandemia deixou”, conta.

Em abril de 2020, o Ministério da Educação (MEC) lançou edital permitindo a formação antecipada para estudantes da área da saúde em instituições federais. A possibilidade de antecipar a colação de grau já existia em casos de excepcionalidade.

Com o documento publicado pelo MEC, a outorga antecipada, amparada pela Portaria nº 374, de 3 de abril de 2020, passou a autorizar a colação antecipada de alunos dos cursos de medicina, enfermagem, farmácia e fisioterapia, desde que completado 75% da carga horária prevista para os estágios obrigatórios, exclusivamente para atuação nas ações de combate à pandemia do novo coronavírus enquanto durasse a situação de emergência pública, encerrada em abril deste ano.

O diretor do câmpus UnB Ceilândia, João Paulo Chieregato

Arquivo pessoal



A pandemia possibilitou olhar para o aluno de maneira mais ampliada

João Paulo Chieregato, diretor do câmpus Matheus, Ceilândia da UnB

Matheus, credita a autorização ao momento vivido. “O que a pandemia fez e a flexibilização trouxe foi a possibilidade de olhar para o aluno de maneira mais ampliada, entendendo o cenário de necessidade.”

Ele explica, ainda, a condução do processo de avaliação desses estudantes. “A nossa faculdade começou, mesmo antes das flexibilizações do MEC, a avaliar esses alunos que estavam mais avançados e que já haviam passado por estágios, por hospitais, que já apresentavam aprendizado significativo para o momento, mas que faltava, por exemplo, fazer uma disciplina optativa, defender o TCC [Trabalho de Conclusão de Curso]. Para nós, esperar um semestre inteiro para permitir essa prática era não entender o momento. Num cenário em que não tínhamos vacina, onde muitos profissionais da saúde faleceram, a gente precisava ter esses estudantes contribuindo para o

Studio fotografias



Não houve uma organização, mesmo com a previsão da chegada do vírus

Lúcio Henrique Lopes, médico formado pela UnB em agosto de 2021

enfrentamento da pandemia.”

Chieregato Matheus destaca que as colações de grau não foram autorizadas de forma equivocada. “As nossas discussões foram sempre permeadas pelas condições de qualidade e de preparo dos alunos. Decidimos, de maneira muito lúcida, consciente, sabendo que não podíamos colocar qualquer profissional no mercado.”

O farmacêutico Vitor Mariano, 26, formado na UnB em junho de 2021, relembra o início da pandemia. Ele trabalhou com testagem de covid e garante que essa foi a via de acesso para o seu emprego atual. O aluno egresso da universidade conseguiu emprego assim que se graduou. Hoje atuando em uma franquía de uma grande rede de farmácias, Vitor conta que, apesar do susto com o avanço da pandemia, consegue lidar com seu trabalho devido às experiências adquiridas anteriormente. “Poder ser útil nesse período e já

sair da universidade direto para o mercado de trabalho foi uma oportunidade difícil, de muito cuidado, porque você precisa se atualizar, principalmente a respeito da doença que ainda está em circulação. Mas foi uma ótima experiência ajudar nesse momento complicado”, diz.

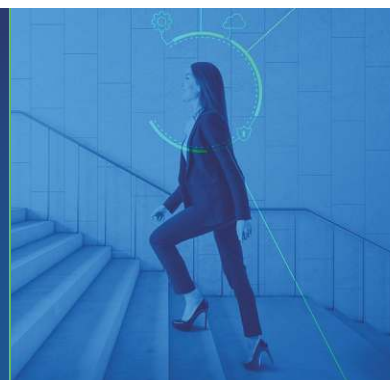
Para Mariano, o processo de facilitação de entrada de novos profissionais no mercado de trabalho foi essencial, em especial na sua área. “O farmacêutico é a porta da frente da saúde. É o profissional mais acessível da comunidade. Em toda farmácia tem um e ele já recebe, de cara, esses pacientes. Muitas vezes, é um local procurado antes mesmo do hospital, para que haja uma orientação, quando há só uma suspeita e não há diagnóstico”, afirma.

Em julho de 2020, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) aprovou uma resolução que permitia o retorno presencial de disciplinas práticas e estágios na área da saúde. O diretor da Faculdade de Saúde (FS), Laudimar Alves de Oliveira, conta que a volta aconteceu de forma gradativa. “Os alunos eram colocados em outras frentes, menos complexas do ponto de vista de biossegurança, para que outros profissionais do hospital pudessem atuar na linha de frente da covid.”

Laudimar ressalta a importância dos profissionais recém-formados no cenário da pandemia. “Eles puderam suprir algumas lacunas de profissionais mais experientes, que foram colocados na linha de frente, principalmente na fase mais crítica. Essa antecipação de outorga e a colocação desses profissionais no mercado de trabalho, mesmo com qualificação mínima, permitiu que esses espaços comessem a ser preenchidos. Isso diminuiu o estresse sob a rede pública, fazendo com que esses novos profissionais garantissem alívio à todas as demandas de saúde.”

***Estagiária sob a supervisão de Jádere Rezende**

FACULDADE DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO SENAC-DF
SEU LUGAR ENTRE
OS MELHORES



INSCREVA-SE JÁ

df.senac.br/faculdade
(61) 99823-7675

Senac Fecomércio Sesc